

Paschoal Segreto “Ministro das Diversões do Rio de Janeiro” (1883 – 1920)

William de S. N. Martins

Mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Os jornais do Rio de Janeiro, no dia 23 de fevereiro de 1920, tinham em suas primeiras páginas a notícia do falecimento de Paschoal Segreto. No dia seguinte, foram publicadas matérias e fotos sobre o enterro que mobilizou toda a cidade, e durante mais de uma semana, vários jornais publicaram colunas a respeito do “popular empresário Paschoal Segreto” (*Correio da Manhã*, 23 fev. 1920). Segundo o jornal *Correio da Manhã*, o cortejo fúnebre foi acompanhado por 500 carros contendo aproximadamente duas mil pessoas, além de centenas de outras que se amontoavam para ver o corpo do falecido. Ainda segundo a mesma matéria: “Não há exemplo de enterro tão concorrido como esse, tratando-se de um homem do povo” (*Correio da Manhã*, 24 fev. 1920). Foram várias as personalidades que estiveram na localidade ou que mandaram representantes.

Também Costa Rego afirmava que a data deveria ser lembrada, pois Paschoal

passou a vida a empreitar cafés-concerto, can-cans, carrosséis, frontões e mulheres de operetas. Esse homem deve, pois, ter divertido muita gente (Correio da Manhã, 28 fev. 1920).

Mas quem foi esse personagem que mereceu um enterro com ampla cobertura da imprensa e a presença de importantes figuras do cenário nacional? A família Segreto teve atuação destacada no cenário carioca e brasileiro na virada do século XIX para o XX, posto que, além de introduzirem o cinema no país, tornaram-se proprietários de grande fatia do mercado de diversões públicas no Rio de Janeiro. Também tiveram casas de diversão em Petrópolis, Campos, Juiz de Fora e São Paulo.

Paschoal Segreto nasceu em 22 de março de 1868, em San Martin di Cileno, província de Salerno, Itália, e mudou radicalmente sua vida ao decidir embarcar, em 1883, no vapor Savoie que, saído de Marselha, fez escala em Gênova, onde ele e seu irmão Gaetano embarcaram. O destino final do vapor

era o Brasil, mais especificamente o porto do Rio de Janeiro.¹ Logo que chegaram à cidade, foram encaminhados para a hospedaria da Ilha das Flores. Esta hospedaria, criada pela Inspetoria Geral de Terras e Colonização, cuja missão era estimular a imigração para o Brasil e tentar suprir o mercado de mão-de-obra, situava-se na Baía de Guanabara, nas proximidades da cidade de Niterói. Foi criada em 1879 e se destinava a receber os imigrantes chegados ao porto do Rio de Janeiro. Os recém-chegados ficavam no local apenas o tempo suficiente para o desembarço de suas bagagens na alfândega e a indicação de seu destino final. Assim que aportaram no Rio de Janeiro, os irmãos Segreto foram encaminhados para a hospedaria. Seus registros de entrada foram feitos em 24 de maio, mesmo dia da chegada ao porto do Rio de Janeiro, e os de saída, um dia depois.² Cumprindo suas obrigações, a hospedaria mandou os Segreto para São Paulo.

Não é possível afirmar que tenham ido para São Paulo, uma vez que não havia garantias de que o imigrante seguisse rigorosamente as indicações fornecidas pela hospedaria. O que provavelmente aconteceu com os Segreto é que tenham ficado no Rio procurando maneiras para sobreviver na cidade.

O pacote do qual desembarcaram era um dos muitos que vinham da Itália trazendo imigrantes, e o *Savoie* contava com 397 passageiros.

Fizeram a viagem alojados na terceira classe do navio. Ao que tudo indica, os irmãos Segreto chegaram ao Brasil sem recursos financeiros. O principal indício disso foi o fato de eles terem sido presos inúmeras vezes.³ Treze anos depois de sua chegada, solicitariam o cancelamento das anotações em seus prontuários alegando terem

*cometido algumas pequenas faltas na sua meninice e [pedindo] que [fossem] canceladas as respectivas notas, por isso que atualmente são homens benquistos na sociedade e considerados.*⁴

Tendo ficado conhecido como Paschoal nos registros de entrada foi, não obstante, anotado com o nome de Paschoale Segreto. Possivelmente a pronúncia e posteriormente a escrita de seu nome mudaram no dia-a-dia da cidade. A chegada à então capital do Império se deu quando ainda novo, com apenas 15 anos. Na data de sua morte, em 22 de fevereiro de 1920, com 52 anos, já era um ilustre morador do Rio de Janeiro. Os noticiários da época publicaram du-

1 Arquivo Nacional. Registro de Vapores. Microfilme 052-95. 1883.

2 Arquivo Nacional. Registro de entrada de Imigrantes. Microfilme 006-92 Livro. 09. 1883.

3 Arquivo Nacional. GIFL. Caixa 6c-023. 5 fev. 1897. Paschoal foi preso 13 vezes enquanto Gaetano, nove.

4 Arquivo Nacional. GIFL. Caixa 6c-023. 5 fev. 1897.

rante vários dias a notícia de seu falecimento, destacando sua personalidade, seus negócios, sua família e outras peculiaridades de sua vida. As extensas e ilustradas matérias serviram para a consolidação do mito de Paschoal Segreto como o grande homem dos divertimentos públicos cariocas.

Segundo o *Correio da Manhã*, a enfermidade do empresário vinha se arrastando ao menos por um ano. No dia 31 de agosto do ano anterior acordara com paralisia e língua trôpega. Embora tivesse se recuperado, teve de passar por longo período de repouso. Contudo, sua diabete fez com que uma furunculo-se que apareceu no dedo se alastrasse por toda a mão direita, gangrenando e levando-o a uma intervenção cirúrgica. (*Correio da Manhã*, 23 fev. 1920). Essa situação durou até o dia de sua morte, à uma hora da tarde, em sua residência em Santa Teresa.

As manifestações de pesar não se ativeram apenas aos elogios, fazendo alguns jornalistas críticas ao empresário. No entanto, a maioria, serviu para exaltar a figura de Paschoal. Um jornalista escreveu que aquela era uma das mortes mais sentidas nos últimos tempos porque

o Rio tinha três figuras tradicionais e populares cada qual no seu ofício: Susana Castera, Paschoal e – perdoa-me, Senhor! – a irmã Paula. (...) Paschoal Segreto era, a seu modo e observadas as proporções, uma espécie de irmã Paula do mundo boêmio (Gazeta de Notícias, 25 fev. 1920).

O enterro, além de ter contado com a presença de importantes figuras do cenário carioca, como o ator Procópio Ferreira, o empresário teatral José Loureiro e o escritor Lafayette Silva, atraiu centenas de pessoas. O escritor Bastos Tigre, enfatizando a presença da expressiva quantidade de pessoas, disse que a homenagem contou com “grande massa deste povo carioca de quem ele foi amigo risonho e bem humorado” (*Correio da Manhã*, 26 fev. 1920).

O caixão saiu às 16 horas da residência de Paschoal, na rua Corrêa de Sá, nº 3, em Santa Teresa, próxima ao Largo dos Guimarães, e foi encaminhado para um bonde da Companhia Ferro Carril Carioca, que partiu em direção ao centro da cidade. Chegando meia hora depois ao Largo da Carioca, o cortejo dirigiu-se para a Praça Tiradentes, onde ficava a maioria dos negócios de Paschoal (*Jornal do Brasil*, 24 fev. 1920). Tendo chegado à praça, o caixão passou em frente aos seus empreendimentos, a Maison Moderne, o Teatro Carlos Gomes e, por fim, parou em frente ao Teatro São Pedro, onde foi o ataúde colocado em um coche de primeira classe, de estilo Luís XV, que era puxado por quatro imponentes cavalos negros.

O préstito passou pela rua Visconde do Rio Branco, avenidas Gomes Freire e Mem de Sá, ruas Maranguape, Lapa, Glória, Catete, Marquês de Abrantes, Praia de Botafogo e ruas da Passagem e General Polidoro. Chegou ao cemitério São João Batista, em Botafogo, pouco depois das 17h30. Vicente Ferreira, que, segundo os jornais, era um conhecido orador popular, pronunciou as últimas palavras, enaltecendo as qualidades do falecido e, só então, o caixão desceu definitivamente ao carneiro número 2.806 da quadra 41.

O mausoléu da família Segreto foi comprado em 1884, por causa do falecimento do irmão José Segreto, mas o título de perpetuidade só foi concedido em 1899, sendo os concessionários Paschoal e Gaetano.⁵ Quando hoje se visita o local onde Paschoal foi enterrado, o que se encontra é um mausoléu com aproximadamente três metros de altura. Na parte mais alta surgem três imponentes mulheres. A primeira, que detém asas, pede silêncio aos que se aproximam do local, a que fica ao lado esquerdo do visitante carrega no seu peito apenas uma máscara teatral, a da tristeza, e a do lado direito, olha, enternecida, o túmulo. A escultura conta, ainda, em uma lateral, com máscaras teatrais esculpidas e, na outra, com uma prensa e uma réplica da capa do jornal *Il Bersagliere*, que foi de propriedade dos irmãos Segreto. Na frente do mausoléu estão esculpidas as faces de Gaetano e Paschoal, embora os despojos do primeiro tenham sido enterrados na Itália.

O mausoléu não teve espaço para tão grande número de coroas de flores e grinaldas que foi enviado à família de Segreto, pois tamanha foi a demanda que foi preciso mandar vir com urgência flores da região serrana, pois as da capital já haviam se esgotado (*Jornal do Comércio*, 24 fev. 1920).

⁵ Santa Casa da Misericórdia. Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista. Livro. 102. fl. 133.

Paschoal foi muito lembrado nos dias seguintes à sua morte. Morreu como um personagem famoso, mas era conhecido da imprensa carioca havia muito tempo. Quando o jornalista Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, manifestou suas impressões sobre a noite no *Moulin Rouge*, escreveu que era o “*manager* Segreto, gordo e ardente” que fazia as honras da casa para alguns ilustres frequentadores. Era dessa forma que o conhecido jornalista carioca via o Segreto quando escreveu a coluna “A nudez no *Moulin Rouge*” (*Gazeta de Notícias*, 14 jun. 1908).

Paschoal Segreto também teve algumas de suas características destacadas quando Lima Barreto escreveu o romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Nele, o autor associou os personagens ficcionais a figuras do cenário carioca. Assim, na ficção, um dos mais conhecidos jornais do Rio era *O Globo*,

mas na realidade era o *Correio da Manhã*; Veiga Filho seria Coelho Neto, enquanto Laje da Silva seria Paschoal Segreto (BARBOSA, 2002, p. 196-197).

Laje da Silva é um padeiro de Itaporanga que viu pela primeira vez Isaías Caminha no trem que ia para a capital federal. Sem que Isaías o percebesse no trem, posto que estava dormindo, quando chegaram ao hotel, Laje sentou-se à mesa com Isaías no intuito de jantar e os dois travaram os primeiros contatos.

Vindo do interior com a intenção de estudar, Isaías era desconfiado e logo suspeitou do padeiro que lhe era muito simpático. Ele

era um homem baixo, de membros fortes, que respirava com força e desembaraçadamente. Falando, torcia com a mão áspera, de antigo trabalhador, o bigode farto. Descobria-se que na sua mocidade se entregara a trabalhos grosseiros, mas que, de uns tempos a esta parte, gozava de uma vida mais fácil e leve. O seu olhar, inquieto e fugidivo, mas vivo, quando se fixava, era de velhaco mercadejante, bem com o código e as leis.

[...]

As suas maneiras ambíguas e ao mesmo tempo desembaraçadas, o seu olhar cauteloso, prescrutador e sagaz, junto ao seu ar bonacheirão e simplório (BARRETO, 1983, p. 41-42).

As características atribuídas por Lima Barreto ao seu personagem em muito se assemelham às de Paschoal, não só as físicas, mas a sua simpatia, pela qual ficou conhecido.

Isaías notou o grande interesse de Laje da Silva pelo mundo dos jornais e pelos jornalistas “no teatro e na rua, [cumprimentava] mais de uma dezena deles”. Laje da Silva

conhecia minuciosamente toda a vida jornalística. Informava-me sobre os nomes dos redatores, dos proprietários, dos colaboradores; sabia a tiragem de cada um dos grandes jornais, como a de cada semanário de caricaturas... Havia nisso uma mania pueril ou o que era? Não se manifestava homem de leituras, político ou dado às letras; não lhe senti a mais elementar preocupação intelectual; todo ele me pareceu convergido para os negócios, para as cousas de dinheiro, especulações... Por isso, a sua jovialidade e sociabilidade não impediram que, aqui e ali, reptassem em mim alguns propósitos sobre a sua honestidade (BARRETO, 1983, p. 45-46).

As desconfianças quanto à honestidade do padeiro também parecem ser características atribuídas a Paschoal. No decorrer da sua vida foi acusado várias vezes de ter relações com o jogo e outras atividades ilícitas.

As suspeitas de Isaías continuariam no decorrer do tempo em que teve contato com Laje da Silva. Recebia dele a mais devotada atenção, no entanto “continuava a sentir no padeiro muito de desonesto, de falcatrueiro, para [se] ligar inteiramente a ele” (BARRETO, 1983, p. 60). É fato que com o passar do tempo alguns indícios vão colaborar para a idéia que Isaías Caminha fazia de Laje. Quando foi procurar emprego em *O Globo* viu Laje da Silva entrando na redação do jornal “com aquelas suas maneiras atenciosas, com aquele seu ar indecifrável” e ir falar com o jornalista Oliveira. Quando saiu ouviu alguém dizer que aquele é que era “águia”. Prontamente o jornalista respondeu que “águia é um cavador de negociatas, de arranjos desonestos; ele não. Não há uma bandalheira em que se diga que ele se meteu...”. No mesmo momento alguém retrucou sobre algumas notas falsas atribuídas a Laje, ao que Oliveira respondeu prontamente: “ninguém está livre de que um tratante pague uma dívida em notas falsas e, na boa fé, vir fazer pagamentos com elas...” (BARRETO, 1983, p. 100).

Devido ao sucesso financeiro que teve durante a vida, alguns consideravam que o “popular empresário Paschoal Segreto” havia sido o verdadeiro *self made man*, homem que chegou da Itália “para fazer a América” e se tornou rico e próspero. Realmente, sua história se reveste de um caráter excepcional pelo fato de que, em pouco mais de 30 anos, conseguiu montar um “império” de diversões, tendo para isso ligações com importantes figuras do cenário político carioca.

Mesmo descrevendo Paschoal como um vencedor, os noticiários discordavam, pois uns o viam como um parvo e outros como homem dotado de uma mente brilhante. O autor teatral Viriato Corrêa apontou essa questão ao lembrar do comentário feito a ele pelo empresário teatral Luiz Galhardo: “o Paschoal Segreto não é nem inteligente nem estúpido, nem ladino nem ingênuo, nem bonito nem feio – é Paschoal Segreto” (*Correio da Manhã*, 27 fev. 1920).

Para Viriato Corrêa, Paschoal

realizou esta estranha originalidade, este incrível absurdo: durante vinte anos foi empresário teatral, ganhou a sua fortuna nisso, e nunca em dias de sua existência entendeu nem quis entender de teatro (*Correio da Manhã*, 27 fev. 1920).

Mesmo não fazendo parte do espetáculo, Paschoal sempre opinava em tudo o que pudesse render mais lucros para a empresa. O caso mais interessante neste sentido foi o que aconteceu com o próprio Viriato. Em 1915, foi mon-

tada a peça *A sertaneja*, de Viriato e Chiquinha Gonzaga. Como a peça era grande para caber nas três sessões, Paschoal pediu para tirar 20 minutos do espetáculo. O autor se negou terminantemente e, apontando para a parede, perguntou ao empresário:

- *Que representa aquele quadro Paschoal?*

- *Uma espanhola, [respondeu] depois de se voltar para a parede.*

- *Mas se eu tirar as castanholas, as sandálias, a mantilha, o saleroso, o moreno do rosto, fica uma espanhola? (...)*

Ele ergue-se subitamente da cadeira:

- *Mas não é isso que eu estou pedindo. O que eu quero é que me façam a espanhola mais magra (Correio da Manhã, 27 fev. 1920).*

Outro conhecido caso anedótico da vida de Paschoal foi escrito por Costa Rego. Ele dizia que durante muito tempo Paschoal guardou um leão na *Maison Moderne*, local que servia para vários tipos de diversão. Contudo, um problema entre o proprietário do animal e Paschoal fez com que o caso fosse a juízo. Tendo o proprietário ganho a ação, foram os oficiais de Justiça executar a sentença. No momento em que chegaram para pegar o leão, Paschoal se recusou, não a entregar o animal, mas a jaula. Comprovou com o recibo de compra que era dono da mesma e, como ninguém se atreveu a levar o leão fora da jaula, Paschoal ganhou mais alguns dias para explorar a atração (*Correio da Manhã*, 28 fev. 1920).

Esses casos espalhavam-se pela cidade. Paschoal era visto, ao menos entre os que escreveram os necrológios, como uma pessoa que sempre tinha resposta para tudo, embora “enrolando um pouco as palavras com o seu sotaque de italiano do sul” (*Gazeta de Notícias*, 25 fev. 1920).

Sendo descrito como um “tipo de italiano meridional, baixo, atarracado, sob um físico vulgar”, foi unânime a opinião dos jornais de que tinha “uma bela alma simples e bondosa” (*Correio da Manhã*, 27 fev. 1920).

Os hábitos mais corriqueiros de Paschoal também foram relatados por seus contemporâneos, como, por exemplo, o fato de não usar relógios. Sempre perguntava as horas nas portas do comércio e, às vezes, quando aparecia com um relógio novo, era para jogá-lo contra a parede no primeiro momento de fúria. O seu gosto pelo fumo também não escapou aos comentários dos que escreveram sobre seus costumes, pois embora apreciasse as tragadas, constantemente pedia cigarros aos amigos, já que nunca os tinha. Outro

fato relatado foi o seu dia-a-dia no mundo do teatro, do jogo, da bebida e com as mulheres. Segundo Bastos Tigre, embora estivesse imerso na vida noturna carioca, ele “não entendia de arte, nem jogava, nem bebia, nem cortejava as damas de vida airada” (*Correio da Manhã*, 26 fev. 1920).

Certamente, porém, seu traço mais marcante foi a vocação de empreendedor:

a recordação mais viva que se guardava era a de uma criatura em luta permanente contra as adversidades dos negócios: uma letra a vencer, uma hipoteca a levantar, um pagamento a exigir; e ele geria, com o ar de quem se esgotava num trabalho de equilíbrio financeiro superior às suas posses, todo um sistema de diversões públicas (*Correio da Manhã*, 28 fev. 1920).

Os dois irmãos conseguiram montar grandes empreendimentos no Rio de Janeiro. Gaetano Segreto foi trabalhar com a venda de jornais e ficou conhecido também por implementar o sistema de bancas fixas, sendo, posteriormente, dono do jornal *Il Bersagliere*, além de um influente membro da comunidade italiana tanto no Rio como em São Paulo. Paschoal se voltou para o ramo dos divertimentos públicos, tornando-se dono de vários teatros, casas de espetáculo e jogos. De fato, os irmãos sempre estavam juntos nos negócios e em diversas transações comerciais Gaetano aparece como procurador de Paschoal.

O que facilitou a vida de Paschoal Segreto foi o contato com pessoas importantes do cenário carioca. Uma das personalidades que mais veio a influenciar a vida de Paschoal foi José Roberto da Cunha Salles. Cunha Salles ficou conhecido como quem mais registrou patentes de invenção no Brasil. Suas invenções eram bastante diferentes entre si, podendo ser encontrado desde um vinho toni-nutritivo denominado “Vinho Vivificante” até um “Sistema de bilhetes para espetáculos de teatro e diversões congêneres, realizado mediante máquina”. Mas as invenções de Cunha Salles também serviam para a exploração do jogo ilegal, em geral variações do tradicional jogo do bicho. Como fachada para os jogos, montava empreendimentos como a Lanterna Mágica e o Pantheon Ceroplástico, um museu de cera de personalidades da história nacional, do qual Paschoal foi sócio. A peculiaridade do museu era que o ingresso que era comprado na entrada vinha numerado no verso e essa numeração daria direito ao visitante de participar de um sorteio no qual, se ganhasse, receberia um pôster de um vulto histórico. Caso o cliente não quisesse o pátrio prêmio, o próprio Pantheon se encarregava de trocá-lo por uma quantia em dinheiro...

Certamente o negócio que veio a render maior notoriedade tanto para Segreto como para Salles foi a inauguração do cinematógrafo. Em sociedade

montaram a primeira sala de exibição permanente do país, localizada em uma das principais ruas da cidade do Rio de Janeiro, a rua do Ouvidor. O prédio havia sido alugado por Paschoal em 1895 e no sábado, 31 de julho de 1897, foi finalmente inaugurado o Salão das Novidades, que posteriormente teve o nome mudado para Salão de Novidades Paris no Rio.

Paschoal Segreto, seguindo os passos de Cunha Salles, também registrou várias patentes de invenção. Ao todo foram 15 patentes, tais como: “sistema de junção elétrica para iluminação”; “esteroscópio aperfeiçoado automático”, “Fio aéreo” e “O cartomante”. Os inventos de Paschoal eram voltados para as vantagens pecuniárias que poderiam oferecer e destinados às suas casas de diversão. Paschoal possuía conhecimentos dos últimos inventos voltados para o lazer na Europa e nos Estados Unidos. A vantagem ao patentear inventos que já existiam na Europa era a garantia do monopólio de sua exploração comercial por 15 anos.

No memorial que acompanhava os pedidos de patente, Paschoal mostrava-se atento aos desejos do poder público: a saúde ou “higiene” das pessoas, o desenvolvimento da publicidade comercial, do esporte e das atividades de lazer eram as alegações de que lançava mão para obter aprovação das descobertas tecnológicas.

No campo cinematográfico, uma das iniciativas mais arrojadas de Paschoal foi enviar seu irmão, Afonso Segreto, para Nova York e Paris no intuito de conhecer as novas técnicas cinematográficas e trazer equipamentos para a empresa. Em janeiro de 1898, embarcava Afonso Segreto para a América do Norte. Quando de sua volta ao Brasil, em 19 de julho do mesmo ano, desembarcou do navio *Brésil*, que havia saído de Boudeaux, na França. Afonso era então um dos poucos conhecedores das técnicas da produção cinematográfica no país, pois, quando de sua estada em Paris, fez um curso na Pathé Films. A bordo do paquete *Brésil* fez a primeira filmagem no Brasil, filmando a entrada da Baía de Guanabara.⁶ Depois dessa primeira experiência, os irmãos Paschoal e Afonso Segreto passaram a registrar regularmente celebrações da sociedade civil, cenas da cidade do Rio de Janeiro, bem como eventos sociais da elite carioca.

⁶ Embora haja uma longa discussão sobre se o filme de Afonso Segreto tenha sido mesmo filmado, funciona até hoje ao menos como mito fundador do cinema nacional.

Além da importância no campo cinematográfico, Paschoal teve papel central na montagem de casas de divertimento e no campo teatral. No ramo dos cafés e de cervejaria, um de seus maiores empreendimentos foi a *Maison Moderne*, localizada na Praça Tiradentes, onde conseguiu agregar várias formas de en-

tretenimento em um só lugar. O estabelecimento era um parque de diversões que contava com galeria de tiro-ao-alvo, roda-gigante, montanha-russa e um pequeno teatro. Foram lá também disputados os célebres torneios de luta greco-romana, além de ser o espaço para os que apreciavam beber. Curiosidade acerca da *Maison Moderne* é que alguns anos antes ela era chamada de Moulin Rouge. Talvez então pudéssemos dizer que a Praça Tiradentes era o Montmartre carioca com direito ao seu próprio *Moulin* com suas dançarinas de canção.

A *Maison Moderne* era um lugar onde o espectador poderia pagar um preço módico para aproveitar os divertimentos. No entanto, Paschoal abriu também lugares onde a população mais abastada pudesse se entreter. Neste sentido, uma das suas casas mais conhecidas era o *High Life Club*, que se localizava no bairro da Glória. Esse lugar tinha como público alvo a elite carioca.

Paschoal abriu locais para as camadas médias e alta da população carioca. Além da *Maison Moderne* e do *High Life*, possuía também o Parque Fluminense, em Laranjeiras, e o Pavilhão Internacional, localizado na avenida Central, atual Rio Branco.

Mas o local onde Paschoal ergueu seu império de diversão foi na Praça Tiradentes, considerado o berço do teatro de revista. Além do *Maison Moderne*, Segreto também detinha na área o Teatro Carlos Gomes e o arrendamento do Teatro São Pedro, um dos mais antigos da cidade.

Em fins do século XIX, o teatro já tinha tradição de ser um lugar de socialização. Nessa mesma época um dos gêneros teatrais mais assistido era o teatro de revista. Ao perceber que poderia auferir lucros com o negócio, Paschoal passou a financiar os espetáculos teatrais. Ficou tão conhecido que o ator Procópio Ferreira chegou a referir-se a ele como o “papa do teatro brasileiro”. Uma das iniciativas que mais contribuiu para tamanha popularidade foi a fundação da Companhia de Operetas, Mágicas e Revistas do Cine-teatro São José, em 1911. A casa vivia cheia porque o empresário adotava a fórmula do teatro por sessões, com duas a três apresentações por dia do mesmo espetáculo a preços populares. Dessa forma, Paschoal conseguiu popularizar o teatro levando-o às camadas mais baixas e médias da população.

Se no dia 23 estavam levando para a cova um pedaço da alegria da cidade era porque Paschoal conseguiu durante os anos de sua vida montar várias casas para o entretenimento popular. Não só isso, criou uma fatia do mercado de diversões no Rio de Janeiro. A idéia que o empresário Segreto explorou foi a de “diversão para todos, para todas as classes, para todas as idades” (*Correio da Manhã*, 27 fev. 1920).

Para essas incursões em vários campos do entretenimento carioca contou com grande rede de relações nas várias camadas da sociedade. Olhando a teia de relações de Paschoal vemos que, se no início de sua carreira teve negócios com Cunha Salles, em 1908 já aparece batizando os filhos de Gaetano ao lado do marechal Hermes da Fonseca.

Quando morreu, a imprensa foi categórica ao afirmar que

não só a família Paschoal Segreto achava-se de luto. O Rio, por um íntimo consenso dos seus habitantes, participa desse luto, e o manifesta nas expressões de pesar escapadas a todo instante e de todas as bocas (Jornal do Brasil, 24 de fev. 1920).

Figura 1: Cartaz anunciando a programação da empresa Paschoal Segreto.

Um outro motivo para o luto do Rio de Janeiro, além da morte do empresário, era a crença de que sua ausência provocaria mudanças na vida teatral da cidade. No entanto, embora alguns tivessem um certo pessimismo em relação ao futuro do teatro, a “Empresa Paschoal Segreto” continuou seu curso.

Paschoal não deixou filhos. Nunca foi oficialmente casado, embora tenha vivido com uma companheira, Carmela, por aproximadamente 30 anos. Contudo, tinha vários sobrinhos, dentre eles os nove filhos de seu irmão Gaetano, que, ao morrer em 1908, deixou-lhe a incumbência de os criar.

O espólio de Paschoal contava com o prédio onde funcionava o *High Life*, à rua Santo Amaro, localizado na Glória, o Teatro *Maison Moderne*, o Teatro São José, o Teatro Carlos Gomes e um arrendamento por quatro anos do Teatro São Pedro, todos situados na Praça Tiradentes (*Correio da Manhã*, 26 fev. 1920).

Além desses imóveis, possuía uma casa na rua Corrêa Sá, em Santa Teresa, que ficou com Carmela. Não só os imóveis integravam seus bens, ainda possuía um riquíssimo maquinário, cenários e guarda-roupas nos teatros.

Após a morte de Paschoal, foi seu primo, João Segreto, quem assumiu os negócios. Ficou sob sua responsabilidade a direção da consolidada “Empreza Paschoal Segreto”, além da tutela dos filhos de Gaetano. João assumiu, tanto na vida familiar como nos negócios, o papel que Paschoal desempenhava. O testamento de Paschoal terminava mencionando sua família e o país que o acolhera, considerando este sua segunda pátria. Pedia para que seus despojos ficassem na cidade onde ele passou a maior parte de sua vida e onde ficou conhecido como “ministro das diversões”.

Bibliografia

ARAÚJO, Vicente de Paula. *A bela época do cinema brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

CHIARADIA, Maria Filomena Vilela. *A companhia de revistas e burletas do teatro São José: a menina dos olhos de Paschoal Segreto*. Rio de Janeiro: Centro de Letras e Artes da Unirio, 1997. Dissertação de mestrado.

GONÇAGA, Alice. *Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Record/FUNART, 1996.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Arquitetura do espetáculo: teatro e cinemas na formação do espaço público das praças Tiradentes e Cinelândia. Rio de Janeiro 1813-1950*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

RAMOS, Fernão. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VELLOSO, Mônica. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RESUMO

O presente trabalho estuda a trajetória de vida de Paschoal Segreto. Tendo chegado no Rio de Janeiro em 1883, vindo da Itália, criou e garantiu a hegemonia de grande parte do mercado de lazer na capital federal até o ano de 1920, data de seu falecimento, estendendo seus negócios até a cidade de Campos, Petrópolis, Juiz de Fora e São Paulo.

A carteira de negócios de Paschoal incluía salas de cinema, teatros, cafés e vários outros empreendimentos. Inaugurou, em 1897, a primeira sala de cinema do Brasil, na rua do Ouvidor, então a rua chic da Belle Époque carioca.

Devido à sua singularidade, é possível, a partir da trajetória de vida de Paschoal, perceber as transformações no campo do entretenimento e a criação de um novo mercado para a camada média que surgia.

Palavras-chave: **Rio de Janeiro, entretenimento, Belle Époque**

ABSTRACT

This work traces the life of Paschoal Segreto. Having arrived in Rio de Janeiro from Italy in 1883, he was in great part responsible for creating and developing the leisure market in the Brazilian federal capital up until his death in 1920. He also extended his enterprises as far as Campos, Petropolis, Juiz de Fora and São Paulo.

His collection of businesses included movie theaters, legitimate theaters, coffee houses and several other enterprises. It was Segreto who created Brazilian first movie palace on Rua do Ouvidor in 1897, the chic street of Rio's Belle Époque era.

Due to his unique personality, Paschoal's life is a valuable lens through which to study the transformations in the field of entertainment and the creation of a new market for the emerging middle class.

Keywords: **Rio de Janeiro, entertainment, Belle Époque**

